

EDITORIAL

Os requisitos da produção de conhecimento científico impõem procedimentos que nem sempre se compadecem com os tempos e os modos como na chamada “sociedade da informação” as notícias circulam nos meios de comunicação de massas. Nuns casos os assuntos podem não merecer dos cientistas sociais a atenção que merecem dos media. Noutros, a montagem de dispositivos de investigação validados cientificamente é morosa e complexa, para evitar, como diz Bourdieu (*Science de la Science et Réflexivité*, 2001), que se apresentem como supostamente científicos discursos que não passam de especulações acerca de assuntos não investigados nem sujeitos a prova. Aliás, o mesmo autor acrescenta que “é desastroso o discurso sobre a prática científica que toma o lugar da própria prática científica”, já que nas ciências sociais “não se pode pensar correctamente senão através de casos empíricos teoricamente construídos” (*Réponses*, 1992).

Nem sempre, por isso, a agenda da análise sociológica vai a par com os ritmos do surgimento de novos fenómenos sociais que requerem interpretação científica. Não são raras as vezes em que os meios de comunicação social mais atentos e preocupados com a divulgação de explicações cientificamente fundamentadas para fenómenos emergentes se deparam com um vazio de estudos sobre as matérias em causa.

Contudo, por coincidência que não deixa de evidenciar a preocupação que a sociologia em Portugal vem fazendo no sentido de procurar compreender as dinâmicas e processos sociais da realidade actual, este segundo número de 2002 de *Sociologia, Problemas e Práticas* reúne a publicação de um conjunto de artigos cujas problemáticas em boa parte coincidem com temas de forte actualidade mediática e se inscrevem no âmbito de algumas das discussões que presentemente preenchem alguns dos dossiês políticos de maior relevância nos últimos tempos.

Desde logo o artigo sobre Barrancos e as festas de touros que todos os anos decorrem nesta pequena vila alentejana, as quais continuam a ser alvo de controvérsia, obrigando a tomadas de posição pública e política em contexto de grande polémica à escala nacional. O autor deste texto analisa o fenómeno, o seu efeito amplificador e as relações nele implicadas entre poder simbólico, dominação cultural e direitos culturais. Um outro assunto na ordem do dia abordado no presente volume é a problemática do consumo de drogas. Numa interessante análise do que os autores referem ser a “passagem de um fenómeno natural ao estado de objecto de políticas discursivas e interventivas” é aqui feita uma reflexão sobre as políticas de redução de riscos e evidenciado o seu carácter normalizador e contraditório, assim como a sua inscrição em novas tecnologias de controle social. Igualmente objecto de atenção política e mediática é o tema da imigração, tratado num texto sobre as novas correntes imigratórias chegadas a Portugal nos últimos anos, vindas sobretudo de países de Leste, dos PALOP e do Brasil.

Fazem ainda parte deste volume a análise de questões como a relação da indústria portuguesa com a universidade e as modalidades de transferência de conhecimento inovador para as empresas, enquanto vector de competitividade. A

influência das origens sociais nos padrões de vida e trajectórias dos estudantes universitários e os projectos futuros dos alunos do 9.º ano, enquanto decorrentes de um quadro dinâmico de possibilidades, são aqui analisados em dois outros artigos. Refira-se também o artigo sobre as formas de celebração do casamento em Portugal, onde a autora procura explicar a aparente redução de casamentos católicos nos Açores.

Esperamos que a actualidade e riqueza dos assuntos abordados estimulem a leitura deste número.

Maria das Dores Guerreiro